

EDUCAÇÃO FÍSICA e Sexualidade

DESAFIOS EDUCACIONAIS 1

“Este livro explora alguns dos muitos caminhos nos quais a Educação Física e as questões de sexualidade e gênero se encontram. Ele ajuda a pensar este campo, cada vez mais disputado entre diferentes visões de mundo, políticas públicas, tradições pedagógicas, direitos humanos e demandas de movimentos sociais. E ao mesmo tempo dá a conhecer estudos de caso instigantes, em que situações que envolvem sexualidade foram enfrentadas nas aulas de Educação Física. Particularmente importante neste livro é perceber como se dão as conexões entre a Educação Física escolar e os processos de manutenção e modificação da heteronormatividade, especialmente quando temos nas aulas sujeitos que atravessam os tradicionais critérios de ordenação de gênero e sexualidade, apontam para a transgeneridade, definem-se como não binários, mas não é apenas disso que aqui se trata.”

Fernando Seffner

ISBN 978-85-419-0237-3



9 788541 902373


Editora UNIJUI

Priscilla Gomes Dornelles
Ileana Wenetz
Maria Simone Vione Schwengber
(Organizadoras)

EDUCAÇÃO FÍSICA e Sexualidade

DESAFIOS EDUCACIONAIS 1

COLEÇÃO
EDUCAÇÃO
FÍSICA


Editora UNIJUI

**CAMINHOS TEÓRICOS E POLÍTICOS
DO TRATO COM A SEXUALIDADE
NA EDUCAÇÃO FÍSICA:
Uma Análise Inicial das Produções
na Área (2001-2015)**

Ileana Wenez
Maria Simone Vione Schwengber
Priscila Gomes Dornelles

**DE COMO PRODUZIMOS UM DESEJO DE INVESTIR
NAS RELAÇÕES ENTRE SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO FÍSICA**

Há alguns anos, quando começamos a nossa atuação intelectual-militante, nos rastros de uma provocação foucaultiana, a partir da nossa inserção-atuação-formação acadêmica em diferentes tempos junto ao Grupo de Estudos em Educação e Relações de Gênero (Geerge) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), privilegiávamos, ao passo que questionávamos, a área da Educação Física em sua interface com gênero e sexualidade. Considerávamos que alguns desafios já estavam colocados e anunciados para a área da Educação Física a partir das proposições e produções de autores/as que muito contribuíram e ainda contribuem com este debate na área, como Silvana Goellner,

Helena Altmann, Ludmila Mourão, entre outros/as. Perguntávamos sobre como ofertarmos ferramentas (conceituais, metodológicas e políticas) aos/às professores/as de Educação Física em sua atuação profissional? Como problematizarmos as proposições gênero-sexualizadas da Educação Física no contexto escolar? Como visibilizarmos esta articulação entre Educação Física, gênero e sexualidade na escola, considerando esta relação, paradoxalmente tão presente no cotidiano escolar e, ao mesmo tempo, tão ausente da formação de professores/as em Educação Física? Quais caminhos teórico-políticos seriam necessários para evidenciarmos a importância das articulações entre Estudos Feministas, Estudos de Gênero, Estudos da Diversidade Sexual e a Educação Física? Como demarcarmos o que compõe restritivamente as noções de humanidade e de corpo a partir de concepções de gênero e sexualidade acionadas nos espaços de exercício profissional do/da professora de Educação Física? De que maneira poderíamos assumir posições políticas democráticas que ampliem estas noções restritivas e se constituam a partir de outras bases epistemológicas? Ao fim e ao cabo, quais as composições da Educação Física sobre sociedade, democracia, educação?

Hoje, após cerca de 15 anos, estes questionamentos continuam a exigir uma análise social complexa e um engajamento teórico-político, principalmente se considerarmos, em diálogo com Rogério Junqueira (2017), o cenário brasileiro atual caracterizado pelas ações organizadas de grupos que movimentam um “ativismo religioso reacionário” no Brasil e em outros países, mas que aqui cunharam a ideia de que qualquer menção ou aproximação do currículo com as discussões de gênero ou sexualidade se constituiria como uma ação de “Ideologia de Gênero”. Nesta linha, segundo as mobilizações de grupos católicos (inicialmente) e neopentecostais, as mobilizações em torno das discussões de gênero e sexualidade na escola seriam uma das estratégias de ataque à família. Conter os avanços da “Ideologia de Gênero” seria um dos modos de retomar a primazia da família na educação moral dos/das seus/suas sucessores/as e disputar as concepções de gênero, voltando-as para as bases biológicas. Assim, a organização e a envergadura política destes grupos

junto as bancadas religiosas no Legislativo criaram mobilizações diversas em âmbito nacional de modo a produzirem a exclusão das expressões gênero, igualdade de gênero, diversidade sexual e sexualidade, bem como objetivos que estivessem vinculados à pluralização do gênero e da sexualidade dos Planos Municipais, Estaduais e do Plano Nacional de Educação.

Além disso, os índices de violências dirigidas aos sujeitos não heterossexuais no país são altíssimos. O Brasil foi campeão de mortes de pessoas transexuais e teve o mais alto índice de assassinatos de pessoas LGBT em 2016¹, segundo informações de diferentes Organizações Não Governamentais. Este panorama nacional convida-nos, enquanto área do conhecimento e de atuação política, a repercutir alguns dos questionamentos postos anteriormente: O que a Educação Física tem a dizer sobre este contexto? Como se posiciona? Quais suas contribuições sociais? De que forma ensejos de luta e mobilização social são constituídos pela sua produção do conhecimento?

Temos observado as produções da área (as nossas pesquisas, as produções de colegas) em congressos, em simpósios e/ou em eventos, bem como no exercício das orientações em âmbito de Graduação e Pós-Graduação, assim como na elaboração de pareceres para os periódicos da área, de que há a necessidade de operar com o conceito de sexualidade como agenda de pesquisa da área Educação Física. Esta proposição se especifica ao percebermos também que é preciso circunscrever modos de constituir um debate próprio sobre a sexualidade nesta área e, ainda, de como este conceito se afasta ou aproxima da categoria gênero. Nossos olhares interessados têm indicado que os estudos voltados às análises sobre a generificação dos corpos foram responsáveis pelo maior volume de “entradas” de discussões sobre sexualidade nos diversos espaços de produção do conhecimento em Educação Física.

¹ Maiores informações disponíveis em: <<http://www.em.com.br/app/noticia/especiais/dandara/2017/03/09/noticia-especial-dandara,852965/brasil-e-pais-que-mais-mata-travestis-e-transexuais.shtml>>. Acesso em: 16 maio 2017.

Movimentando algumas posições sobre esta emergência, ou melhor, sobre modos de circunscrever e posicionar uma temática como objeto de pesquisa, buscamos ampliar a nossa compreensão de como a sexualidade se articula com a Educação Física a partir das suas produções, evidenciando como este conceito foi acionado, suas bases epistemológicas e a sua relação com a área da Educação Física, como esta categoria foi acionada analiticamente, entremeadada a quais metodologias e lócus de pesquisa, arraigados por quais lutas políticas, produzindo sentidos nas práticas corporais, lúdicas e esportivas sobre os corpos. Perguntas propulsoras, movimentos de pensamento, caminhos que não se esgotam neste texto.

Dialogando com estas provocações e já destacando que uma vertente das produções em Educação Física que criaram o conceito de sexualidade dialogaram com autores/as do campo da Educação no Brasil, acionamos o conceito de sexualidade corroborando com Guacira Louro (1999, p. 11) ao afirmar que a “sexualidade não é apenas uma questão pessoal, mas é social e política”. Esta autora, em suas produções e especialmente no livro *Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista*, nos convoca a problematizar e compreender que “a sexualidade é ‘aprendida’, ou melhor, é construída, ao longo de toda a vida, de muitos modos, por todos os sujeitos” (p. 11). Dita aprendizagem tem sido vivida em diversas instâncias. Os modos de educação e ensino sobre sexualidade e sobre ser/viver um corpo são produzidos cotidianamente por diferentes pedagogias culturais, entre elas a escola.

Referimo-nos às pedagogias da sexualidade que se constituem a partir e em diversos mecanismos, etapas, objetivos e com diversas formas de controle e funcionamento, seja visibilizando-o/silenciando-o, seja violentando um corpo. Estas pedagogias caracterizam-se por seus modos e efeitos, que são “muitas vezes sutis[s], discreta[s], contínua[s], mas, quase sempre eficiente[s] e duradoura[s]” (Louro, 1999, p. 11).

Corpos, identidades, esboços grosseiros de identidade, representações, papéis. Construções processuais legitimadas ou não durante diferentes momentos da vida escolar e com a contribuição da Educação Física Escolar – uma pedagogia cultural potente na gênero-sexualização dos corpos. Uma instância de fabricação do sujeito pela educação escolar a partir de caminhos normativos fundantes do sujeito. Campos de inteligibilidade e de política por meio dos quais os sujeitos escolares tornam-se (im)possíveis e (ir)reconhecíveis. Essa argumentação se dá na medida em que o sujeito pode ser compreendido como efeito dos processos educativos e práticas pedagógicas normalizadoras da Educação Física.

Nesta linha argumentativa, a sexualidade é acionada enquanto dispositivo biopolítico da modernidade.

A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se aprende com dificuldade, mas à grande rede de superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e poder (Foucault, 1988, p. 117).

Michel Foucault posiciona a sexualidade como um dispositivo de controle e normalização individual e populacional moderno. Isso significa compreender a sexualidade a partir de um contexto histórico, político e sociocultural, acionado em diferentes estratégias e táticas de poder e a partir de campos epistemológicos que reivindicam sua concepção e/ou marcam suas posições discursivas como verdade na sociedade contemporânea.

Dialogando com estas posições, a Educação Física aciona modos de conhecer a sexualidade, as quais têm produtos políticos. Caminhos de uma área do conhecimento e de atuação profissional. Seja na escola ou nos espaços outros de exercício. Visibilizar os modos de compreensão da sexualidade desta área é também disputar os sentidos atribuídos socialmente e posicionados como verdade em relação ao que é sexualidade, ao que se pode conhecer, como se poder conhecer sobre este tema e

categoria social importante na formação dos sujeitos sociais. Significa também ater-se aos pressupostos ontológicos produzidos para tensionar a produção do conhecimento, as áreas de atuação, inclusive a escolar, e a sua relação com os desejos do Estado, sobre as concepções de sexualidade e seus funcionamentos para a definição dos corpos e de suas (im) possibilidades, sobre modos de esgarçar aquilo que entendemos por democracia.

Tomando a escola como foco para problematizarmos alguns ensaios de discussão, para Guacira Louro (1999) a escola tem uma dupla e difícil tarefa que “precisa se equilibrar sobre um fio muito tênue: de um lado, incentivar a sexualidade “normal” e, de outro, simultaneamente, contê-la” (p. 26). Na Educação Física Escolar isto se dá de forma latente, pulsante, inquietante, mesmo que os esforços escolares sejam de silenciamento e naturalização biológica da sexualidade. Por um lado, localizamos a Educação Física como uma disciplina constituída por uma matriz biológica, muito ligada às noções de saúde e higiene do corpo e, dentro desta trama de inteligibilidade, funcional na separação de meninos e de meninas. Por outro lado, a “Educação Física parece ser, também, um palco privilegiado para as manifestações de preocupação com relação à sexualidade das crianças” (p. 74). E/ou, por fim, somos acionados/as como área escolar privilegiada para o trato com a temática sexualidade nesta instituição (Dornelles, 2013b).

Nesse sentido, consideramos que a Educação Física, enquanto área do conhecimento, precisa ampliar os seus espaços de constituição, negociação, articulação, negação e de posicionalidade em relação aos debates postos na mobilização da sexualidade enquanto categoria e nos modos de diálogo com os Estudos de Gênero, de Sexualidade, de Diversidade Sexual e *queer* que se colocam no campo das humanidades para pensar e propor epistemologias e posições para a vida em sociedade na contemporaneidade. Recentemente, com a criação e funcionalidade do

Grupo de Trabalho Temático Gênero (GTT Gênero)² do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, especialmente em seu evento de expressão intitulado Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, realizado em 2015, identificamos a potência das discussões sobre sexualidade em alguns dos trabalhos apresentados e nos debates realizados no referido GTT, instigando-nos a propor um modo mais estruturado e sistemático de localizar e explicar a produção do conhecimento sobre sexualidade na Educação Física. Uma contribuição humilde ao que já produzimos enquanto área.

A partir dessas provocações apresentamos aqui um levantamento realizado para visibilizar os modos da relação entre sexualidade e Educação Física, bem como para contribuir/fortalecer os debates propostos neste entremeio.

DO LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO

Segundo Gil (2002), a pesquisa bibliográfica apresenta como principal vantagem o fato de “permitir ao investigador maior cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia ser pesquisada diretamente” (p. 45). Dito método nos permitiu produzir um panorama das elaborações na área, a partir de alguns critérios de seleção. Deste modo e dialogando com a ideia que tratamos de alguns critérios, não apresentamos esta produção como explicação totalizante/totalizadora do que produzimos enquanto área nas relações com sexualidade. Apresentamos, aqui, um panorama parcial e interessado, visto que os critérios de seleção privilegiam um modo de visão da área e os seus diálogos localizados.

² Para compreender mais sobre os debates para inclusão do GTT de Gênero, sugerimos acessar o trabalho de Macedo e Goellner (2014).

Ao realizar essa revisão bibliográfica objetivamos fundamentalmente, evidenciar os modos de compreensão da sexualidade acionados pela produção em Educação Física, as articulações entre diferentes campos de estudos que produziram fundamentação teórica para abordar sexualidade na Educação Física e, por fim, os caminhos metodológicos realizados. Para tanto priorizamos a seleção do material empírico em dois tipos de produção em Educação Física: a) os artigos apresentados em algumas revistas que circulam na área, a saber, a Revista Movimento, com circulação internacional (avaliada como A2), Revista do RBCE, Revista Motriz, Revista da UEM (Maringá) e a Revista Brasileira de Educação Física e Esportes (São Paulo) – todas disponíveis *on-line* e avaliadas como B1; b) os trabalhos apresentados em edições do Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (Conbrace), pois este representa um espaço em âmbito nacional em que pesquisas em andamento ou concluídas são apresentadas. Com esse panorama esperamos produzir uma contribuição inicial sobre o cenário entre eventos e revistas de circulação da área para articulação sexualidade e Educação Física.

A revisão compreendeu o período entre os anos de 2001 e 2015³ e nas revistas e nos anais do Conbrace buscamos os seguintes descritores: “sexualidade”, “orientação sexual”, “identidade sexual”, “educação sexual”, “heterossexualidade”.

Escolhemos essas palavras e expressões por entendermos que os debates iniciais sobre sexualidade e Educação Física se localizam a partir de relações com as produções no campo da Educação com muitos investimentos em análises da Educação Física Escolar. Deste modo, o campo da educação em articulação com os Estudos de Gênero e Sexualidade investiu em buscar diferenciar “orientação sexual” de opção sexual, visibilizando debates epistemológicos sobre identidade e diferença,

³ A revisão dos eventos Conbrace foi realizada até 2015 em função da primeira edição do GTT Gênero, o qual abrigou trabalhos diversos com a temática sexualidade, dos quais acompanhamos os debates durante o evento. Além disso, no caso da Revista Movimento, a revisão começou desde 1994 em virtude da digitalização dos textos disponíveis.

mobilizando, por vezes, a categoria “identidade sexual”, bem como os investimentos que insinuam um lugar e/ou alguns lugares adequados para tratar de sexualidade na escola a partir de uma ideia de “educação sexual”. Por fim, os recentes trabalhos a partir da teoria *queer* apontam para uma “heterossexualidade” compulsória na escola. Nesta linha de pensamento e articulação, optamos pelos descritores citados.

Após as buscas, destacamos que encontramos apenas 1 artigo na Revista Motriz. Na Revista Movimento foram elencados 18 artigos. A Revista UEM apresentou 5 artigos, a Revista REEFE acionou 5 artigos, a Revista RBCE apresentou 9 artigos. E as buscas realizadas nos anais das edições do Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (Conbrace) resultaram em um total de 20 trabalhos/artigos.

Para apresentar este panorama inicial e localizado, organizamos dois blocos de apresentações dos trabalhos/artigos, os quais estão dispostos a seguir.

A) PRODUÇÕES SELECIONADAS NOS ANAIS DO CONBRACE

A partir destas posições teórico-políticas, realizamos um levantamento dos trabalhos apresentados nas edições do Conbrace, por considerarmos que este evento reúne, localiza e expressa os debates científicos realizados por pesquisadores/as que alimentam e atualizam a área da Educação Física. Assim como expresso de modo geral na seção anterior, ao realizarmos a leitura dos resumos observamos que a maioria dos textos não centralizava suas discussões na categoria sexualidade. Em geral, ou apresentavam uma sobreposição conceitual perigosa entre gênero e sexualidade, isto é, realizavam, efetivamente, discussões de gênero e mencionavam eventualmente algo relacionado à sexualidade. Em nosso entendimento, isto revela a necessidade de investirmos em circunscrever e compreender melhor os debates sobre sexualidade na área Educação Física. Deste modo, alguns trabalhos foram eliminados e fechamos o estudo em 20 produções, entre comunicações orais e pôsteres. Deste

total, realizamos a leitura de 19 trabalhos, pois uma destas produções não estava disponível (Overbeck; Jaeger; Vedoin Venturini, 2015), em sua íntegra, nos Anais no site do evento.

Tabela 1 – Trabalhos do Conbrace⁴

Edição do Conbrace	Título dos trabalhos	Grupos de trabalhos Temáticos (GTTs)/quantidade
2001	1. <i>Orientação Sexual nos Parâmetros Curriculares Nacionais</i> Autoria: Helena Altmann	GTT Escola ⁵ 1 trabalho
2007	2. <i>Um olhar sobre corpo, gênero e sexualidade num curso normal: o que a Educação Física tem a ver com isso?</i> Autoria: Patrícia Balestrin e Priscila Gomes Dornelles 3. <i>Gênero e recreio: um espaço educativo?</i> Autoria: Ileana Wenez e Marco Paulo Stigger	GTT Corpo e Cultura 2 trabalhos
2009	4. <i>Estudo etnográfico no futsal feminino: discutindo esporte e homossexualidade</i> Autoria: Raquel Silveira e Marco Paulo Stigger 5. <i>A separação de meninos e meninas na Educação Física escolar: marcas de gênero</i> Autoria: Priscila Gomes Dornelles 6. <i>Corpo, classe social e gênero feminino: (des)naturalizando linguagens e marcas do universo escolar</i> Autoria: Aline da Silva Nicolino	GTT Corpo e Cultura 3 trabalhos
2011	7. <i>Sexualidade e Educação Física escolar: articulações (im) possíveis?</i> Autoria: Ileana Wenez e Priscila Gomes Dornelles 8. <i>Formação continuada com educadoras/es: perspectivas e possibilidade de (des)construir diálogos sobre corpo, gênero e sexualidade em escolas públicas de Goiânia/GO</i> Autoria: Aline da Silva Nicolino et al. 9. <i>Será que ela é? Mulheres atletas e questões de gênero</i> Autoria: Talita Affonso Gaspar e Julia Mara Pegoraro Silvestrin	7. GTT Escola 8. GTT Formação Profissional e Mundo do Trabalho 9. Corpo e Cultura 3 trabalhos

⁴ A partir dos critérios já apresentados, não selecionamos trabalhos nas edições realizadas nos anos de 2003 e 2005.

⁵ Quando todos os trabalhos selecionados e citados em uma edição do Conbrace estiverem vinculados ao mesmo GTT, faremos apenas uma menção do mesmo, conforme indicado nos anos de 2001, 2007, 2009 e 2015.

2013	10. <i>As práticas pedagógicas da Educação Física escolar e a normalização do gênero e da sexualidade no interior baiano</i> Autoria: Priscila Gomes Dornelles 11. <i>Gênero e sexualidade</i> Autoria: Maria Regina Costa 12. <i>Gênero e sexualidade: desconstruindo preconceitos</i> Autoria: Rogério Goulart da Silva, Maria Regina Ferreira da Costa, Fernanda Battagli Kropeniscki 13. <i>As perspectivas de um bolsista do Pibid de Educação Física sobre gênero na escola</i> Autoria: Marcelo Alberto de Oliveira 14. <i>As brincadeiras no pátio escolar: a geografia de gênero</i> Autoria: Ileana Wenez 15. <i>Corpo Feminino no Esporte: entre heterossexualidade compulsória e lesbofobia</i> . Viviane Teixeira Silveira e Alexandre Vaz.	10. GTT Escola 11. GTT Corpo e Cultura 12. GTT Corpo e Cultura 13. GTT Escola 14. GTT Lazer e Sociedade 6 trabalhos
2015	16. <i>Afinal, o que é sexualidade: entendimento de estudantes de Educação Física – licenciatura</i> Autoria: Muriel de Oliveira Overbeck, Angelita Alice Jaeger, Ivana Vedoin Venturini 17. <i>O voleibol como uma proposta pedagógica para a tematização do gênero e sexualidade na escola</i> Autoria: Dayvid Celso Silva Oliveira, Douglas Eleotério e Mariana Zuaneti Martins 18. <i>Trabalhando gênero e sexualidade com alunos do ensino médio e EJA noturno: um relato de intervenção</i> Autoria: Aline Andrade dos Santos et al. 19. <i>Estigmas do corpo, gênero e sexualidade no esporte: voleibol enquanto espaço da mulher e da "bicha"</i> Autoria: Paula Nunes Chaves 20. <i>A Educação Física e os conflitos de gênero: uma possível união durante as aulas</i> Autoria: Jarlson Carneiro Amorim da Silva, Bertzya Carvalho Falcão Fernandes, Iraquitana de Oliveira Caminha	GTT Gênero 5 trabalhos

Fonte: Produção das autoras.

Este quadro se constitui como um panorama que identifica as produções de modo temporal, bem como localiza os GTTs que os acolheram e, em certa medida, potencializaram o debate entre Educação Física e sexualidade nas edições do Conbrace dentro do período analisado. Esta síntese não define de uma vez por todas (e nem se pretende isso) as contribuições autorais na área da Educação Física, mas

nos permite identificar alguns/algumas autores/as que se dedicaram a compor uma agenda de discussões sobre sexualidade, bem como ajudaram a circunscrever a temática na área da Educação Física.

Sobre os modos de circunscrição da temática sexualidade na Educação Física a partir das produções analisadas e citadas anteriormente, realizamos um investimento de identificação epistemológica e política das produções dentro do recorte deste estudo. Para tanto, apoiamos-nos nas discussões realizadas por filósofos como Judith Butler (1990, 2004) e Paul B. Preciado (2008, 2014), nas produções na área da educação (Louro, 2001, 2004) e da Educação Física (Dornelles, 2013b), as quais argumentam, a partir de diálogos com a produção foucaultiana, a sexualidade em sua constituição social e categoria potente para o funcionamento das biopolíticas e dos seus processos de regulação dos corpos na modernidade.

Para isso, disputa-se com planos epistemológicos que definem este conceito a partir dos discursos biológicos, os quais acionam o corpo e sua disposição em uma leitura biologizada/biologizante para explicar a sexualidade e/ou derivá-la desta constituição discursiva – em geral, com base no sexo. Sobre isso, Guacira Louro (2004) destaca que a sequência sexo-gênero-sexualidade tem explicado, organizado e produzido os corpos na contemporaneidade, apesar de não ser “natural nem segura, muito menos indiscutível. A ordem pode ser negada, desviada. A sequência desliza e escapa. Ela é desafiada e subvertida” (p. 81).

Com base nesta discussão, investimos nas análises a partir de algumas categorias que nos ajudaram a compreender, a organizar e a explicar, teórica e politicamente, como a sexualidade é circunscrita e acionada neste panorama de produções da Educação Física selecionado para este texto. Propomos duas categorias para organizar este material. A primeira delas identifica a maioria das produções analisadas e se caracteriza pela definição da sexualidade em estudos com base no sexo, os quais, na nossa análise, operam com binarismos sexo-gênero. Encontramos aqui produções que operam com o conceito de sexualidade como dispositivo

moderno em estudos identitários, contudo acionam concepções de corpo com base no sexo para explicar estas tramas sem tensionar a linearidade entre sexo-gênero-sexualidade, a qual planifica a sexualidade nas tramas da naturalização da heterossexualidade e, assim, da vinculação do desejo a uma episteme biológica.

Esta categoria engloba subcategorias, as quais: a) acionam a sexualidade como operador biopolítico dos sujeitos e/ou analisam os processos de normalização dos corpos sem tensionar o pensamento binário; b) organizam a sexualidade como categoria identitária (análise das relações desiguais entre identidades e, ao acionar a identidade, operam com a estratificação das experiências do desejo); c) definem a sexualidade a partir da sua expressão enquanto conteúdo curricular de base biológica e sinônimo de sexo (análises que posicionam a sexualidade como risco e que operam com a prevenção de doenças e de gravidez); d) realizam uma sobreposição entre sexualidade e gênero e/ou apresentam a sexualidade como menção em estudos que se dedicaram a uma análise de gênero (a sexualidade apresenta-se como “uma aparição”, visto que não se constituem em estudos específicos de sexualidade). Dezesete trabalhos acionam este plano discursivo para conceituar e analisar a sexualidade na Educação Física e, aqui, as subcategorias b) e d) orientam teórica e politicamente de modo mais significativo os trabalhos analisados.

Identificamos, também, um plano epistemológico que produz as discussões sobre sexualidade a partir do questionamento do sexo. Assim, caracterizamos esta segunda categoria a partir da definição da sexualidade em estudos que deslocam o pensamento binário e heteronormativo de naturalização da heterossexualidade. Aqui, encontramos apenas dois trabalhos (números 10 e 15 da Tabela 1).

Sobre os diálogos entre diferentes campos de conhecimento, identificamos uma aproximação destas produções em Educação Física com os Estudos de Gênero, os Estudos Culturais, os Estudos Feministas, os Estudos *queer*. Sobre o *locus*, encontramos uma centralidade na escola, pois 12 produções discutem os modos de funcionamento da sexualidade

neste espaço. Deste escopo, 8 investigaram a Educação Física escolar e, deste montante, 4 anunciaram uma relação de promoção a partir das atividades do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid). Junto a isso, identificamos 3 produções que associaram esporte e sexualidade (seja como categoria acionada para explicar a organização de grupos para a sua prática e/ou pela análise de artefatos culturais) e, também, trabalhos que investiram em problematizar as políticas públicas nacionais para a área da educação (uma produção) e/ou a formação inicial e continuada de professores/as (duas produções).

B) PRODUÇÕES SELECIONADAS NAS REVISTAS⁶

Nesta análise, assim como nos trabalhos encontrados no Conbrace, há um investimento nas discussões de gênero e de relações de gênero em alguns dos trabalhos selecionados. Buscando afunilar as discussões para o foco da sexualidade, poucos artigos realizam uma argumentação sem colar ou fazer esta discussão a partir de um investimento no conceito de gênero. Estas considerações nos indicam, inicialmente e talvez, que a área ainda necessite circunscrever e fortalecer o debate sobre sexualidade.

Posteriormente, diante desse panorama, realizamos um segundo recorte determinando a definição de sexualidade e identificando alguns múltiplos significados. Por um lado, temos um número significativo de artigos que acionam a antiga e já citada confusão entre gênero e sexualidade. Por outro, observamos um grupo de artigos que se referem à sexualidade como sinônimo de sexo. Nestes trabalhos, sexualidade aparece para atribuir certa diferenciação entre homens/meninos e mulheres/meninas e pautar simplesmente a diferenças dos sexos ou a maturação biológica

⁶ O trabalho de Mattos (2010) foi eliminado porque embora atenda ao requisito de apresentar o descritor "identidade sexual", trata-se de uma resenha de livro, perfil de produção que não consideramos foco inicial das nossas buscas.

(Vitor et al. 2008; Cardoso; Marinho; Assis, 2013; Bozza et al., 2009; Loch; Porpeta; Brunetto, 2015; Godoi Filho; Farias, 2015; Rodrigues; Lima; Duarte, 2015).

Retomando os debates sobre sexualidade a partir das nossas imersões no campo da Educação (como citado anteriormente), consideramos que este rastro epistemológico evidencia o que, em nossa percepção, indica a força da matriz biológica como campo epistemológico definidor da Educação Física. Associar sexualidade e sexo é, inclusive, um dos modos de operar com as bases que orientam posições epistêmicas e políticas heteronormativas, que produzem os corpos performativamente, insistindo em movimentos que produzem “e estabilizam não só os efeitos do gênero, mas também a materialidade do sexo” (Butler, 1993). Referimo-nos aqui a caminhos de uma heteronorma produzida na linearidade sexo-gênero-sexualidade.

Além disso, nos perguntamos como alguns descritores e ensembles de diálogo com a sexualidade são acionados sem a produção de um debate mais profundo, complexo e consistente com as produções em Ciências Humanas a partir de diferentes áreas como a Educação, a Antropologia, a Psicologia, por exemplo, as quais têm investido em tematizar a sexualidade no Brasil. A ligação sexo-sexualidade apresentada também nos indica que buscamos poucos diálogos com estas áreas e/ou como estes debates não foram apropriados pela área Educação Física.

Assim, ao todo, analisamos 12 trabalhos, os quais são apresentados a seguir.

Tabela 2 – Artigos das Revistas

Ano da publicação	Título dos trabalhos	Revista
1996	1. <i>Corpo, Sexualidade e Deficiência.</i> Autoria: Sônia Berenice Hoffmann e Eva Regina Carrazoni Chagas.	Movimento
2010	2. <i>Masculinidade hegemônica, esportes e atividade física.</i>	
2015	Autoria: Juana M. Sancho, Fernando Herraiz, Fernando Hernandez, Judit Vidiella.	5 trabalhos
2015	3. <i>A educação física no ensino médio: um olhar sobre o corpo.</i> Autoria: Fernanda Azevedo Gomes da Silva, Luis Aureliano Imbiriba e Silva, Silvia Maria Agatti Lüdorf.	
2015	4. <i>Gays e lésbicas no esporte: o discurso de jovens universitários espanhóis acerca da sua aceitação.</i>	
2015	Autoria: Joaquín Piedra. Revista Movimento.	
2015	5. <i>“Vôlei masculino é pra homem”: representações do homossexual e do torcedor a partir de um episódio de homofobia.</i> Autoria: Luiza Aguiar dos Anjos.	
2011	6. <i>O Futebol Feminino nos Jogos Olímpicos de Pequim.</i> Autoria: Marco Antônio de Carvalho Ferretti, Renata Pascoti Zuzzi, Aline Edwiges dos Santos Viana, Fernando Morales Vilha Junior.	Revista Motriz. 1 trabalho
2011	7. <i>Corporeidade e sexualidade em dançarinos de rua: axé e hip hop.</i> Autoria: Fernando Luiz Cardoso, Rozana Aparecida Silveira, Cinara Sacomori, Fabiana Flores Sperandio, Thais Silva Beltrame.	Rev. Bras. Educ. Fís. Esp., São Paulo
2013	8. <i>As (des)construções de gênero e sexualidade no recreio escolar.</i> Autoria: Ileana Wenez, Marco Paulo Stigger, Dagmar E. Meyer.	
2009	9. <i>Implicações do conhecimento corporal no comportamento sexual.</i> Autoria: Fernando Luiz Cardoso, Ana Carolina Savall, Samantha Sabbag, Aline K. Mendes, Thais Silva Beltrame.	
2001	10. <i>Ética x preconceito: um desafio para profissionais no âmbito do lazer.</i> Autoria: Renata Laudares Silva, Gisele Maria Schwartz.	Revista da Educação Física/UEM Maringá
2015	11. <i>Orientação sexual e educação física: sobre a prática pedagógica do professor na escola.</i> Autoria: Ivan Luis dos Santos, Sara Quenzer Matthiesen.	
2015	12. <i>Educar para a diversidade: gênero e sexualidade segundo a percepção de estudantes e supervisoras do programa institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (UFMS).</i> Autoria: Suélen de Souza Andres, Angelita Alice Jaeger, Silvana Vilodre Goellner.	

Fonte: Produção das autoras.⁷

⁷ Os títulos dos trabalhos da RBCE foram retirados da tabela pois eles não aprofundam no debate que constitui o foco de nosso levantamento. Posteriormente, também, as temáticas que são: atividade física e lazer, jogos e idosos e aptidão e maturação.

Em uma análise geral destas produções, observamos um movimento próprio da área de dificuldades na circunscrição da categoria sexualidade, o que pode ser devido a uma necessidade de amadurecimento do debate, visto que estávamos (e ainda estamos) descrevendo, debatendo e problematizando os modos como o gênero está imbricado em diferentes práticas culturais, esportivas e lúdicas. Assim, parece-nos que o debate da sexualidade se constitui na esteira das discussões de gênero, contudo em um segundo momento. Esse argumento é reforçado nas nossas análises quando identificamos que artigos incluídos com foco nas discussões de sexualidade na Revista Movimento são produções estrangeiras, nos quais têm destaque as produções espanholas (Piedra, 2015; Sancho et al., 2010). Destacamos que a referida revista aceita produções em outras línguas.

Assim, como pode ser observado na Tabela 2, apresentamos cinco trabalhos publicados na Revista Movimento, um trabalho na Motriz, três produções na REEFE, três artigos na UEM, três produções na RBCE. As temáticas associadas foram: futebol e homossexualidade (2); futebol olímpico feminino (1), masculinidade e esportes (1), imagem corporal na EF durante o Ensino Médio (1), sexualidade e deficiência (1), corporeidade e sexualidade nas danças (1), brincadeiras e recreio (1), lesbianismo e lazer (1), meninos e iniciação esportiva (1), orientação sexual e EF (1), gênero e esportes de aventura (1) e Pibid na EF (1) trabalho.

Dos 13 artigos analisados de modo mais consistente e esmiuçado, somente dois especificam os campos epistemológicos que constituem referências para o debate e em diálogo com a área da Educação Física. Estas duas produções assumem a perspectiva pós-estruturalista e se colocam a partir dos Estudos Feministas e dos Estudos Culturais (Wenez et al., 2013; Sancho et al., 2010). Deste modo, 11 produções não especificam áreas ou linhas teóricas para constituir o debate que fazem sobre sexualidade para além da Educação Física. Apesar disso, destacamos que 6 destas produções localizam a categoria sexualidade como uma construção sociocultural e citam autores/as próximos desse referencial,

como Michel Foucault, Joan Scott, Deborah Britzman, Guacira Louro, David Le Breton, Judith Butler e Francisco Ortega (Ferreti et al., 2011; Aguiar, 2015; Piedra, 2015; Silva et. al. 2015; Andre et al., 2015), contudo sem indicar uma ancoragem teórica de estudos, perspectivas e/ou de áreas de filiação para produzir os debates realizados.

Como destacamos no item A), no qual analisamos os trabalhos apresentados no Conbrace, propomos duas categorias para organizar este material. A primeira delas identifica a maioria das produções analisadas e se caracteriza pela definição da sexualidade em estudos com base no sexo, os quais, na nossa análise, operam com binarismo sexo-gênero.

Encontramos aqui produções que operam com o conceito de sexualidade como dispositivo moderno em estudos identitários, contudo acionam concepções de corpo com base no sexo para explicar estas tramas sem tensionar a linearidade entre sexo-gênero-sexualidade, a qual planifica a sexualidade nas tramas da naturalização da heterossexualidade e, assim, da vinculação do desejo a uma episteme biológica.

Esta categoria engloba subcategorias, as quais já foram apresentadas anteriormente. Na análise das revistas identificamos que todas as produções acionam a sexualidade definindo-a com base no sexo como caminho epistemológico e político. Dentro desta trama, três artigos referem a categoria sexualidade como operador biopolítico dos sujeitos e/ou analisam os processos de normalização dos corpos sem tensionar o pensamento binário – item “a” da categorização apresentada na seção anterior; seis artigos organizam a sexualidade como categoria identitária (análise das relações desiguais entre identidades e, ao acionar a identidade, operam com a estratificação das experiências do desejo) – item “b” da categorização apresentada na seção anterior – e quatro artigos realizam uma sobreposição entre sexualidade e gênero e/ou apresentam a sexualidade como menção em estudos que se dedicaram a uma análise de gênero (a sexualidade apresenta-se como “uma aparição”, visto que não se constituem em estudos específicos de sexualidade) – item “d”

da categorização apresentada na seção anterior. Assim, não identificamos produções que se localizam em um plano epistemológico que produz as discussões sobre sexualidade a partir do questionamento do sexo.

CONSIDERAÇÕES TRANSITÓRIAS

Este texto, como anunciado no seu início, teve como proposta apresentar um panorama inicial do debate científico na Educação Física sobre a categoria sexualidade. Após os investimentos realizados, acreditamos que produzimos uma sucinta e localizada contribuição que fundamentalmente expressa uma visualização de como constituímos o debate sobre sexualidade na área da Educação Física ao longo dos últimos anos. Nesse sentido, importa situar que nesta análise identificamos o período após o ano 20008 como um marco temporal com aumento significativo das produções sobre sexualidade na área.

Apesar deste aumento, consideramos que dois aspectos precisam ser observados: primeiro, as produções se colocam a partir de estudos de gênero em uma trama teórica com ressalvas com relação à possibilidade de contundentes e complexas compreensões sobre sexualidade na produção de conhecimento em Educação Física; em segundo plano, precisamos destacar que a força de algumas matrizes de pensamento na área da Educação Física, como a Biologia, por exemplo, ainda circunscrevem o que entendemos como sexualidade ao acionarem tanto sexualidade com sinônimo de sexo, como ao acionarem a sexualidade com base no sexo.

⁸ Apesar deste marco temporal, um trabalho publicado em 1996 já apresentava um recorte original sobre a discussão da sexualidade e deficiência. Nesse texto, Hoffmann e Carrazoni (1996) abordam uma definição de sexualidade que se afasta da noção biológica, compreendendo-a como parte de um processo sociocultural, destacando, inclusive, uma proposta metodológica de como trabalhar a temática com um grupo de pessoas com deficiência visual.

Estas indicações constituem-se como “movimentos de pensamento”, indicações propositivas e propulsoras para constituirmos e fortalecermos o debate sobre sexualidade na área da Educação Física. As evidências iniciais e localizadas desta produção apontam para o fato de que devemos investir na constituição desta produção, principalmente se considerarmos que nos situamos em um país e em um período no qual precisamos defender as políticas da inclusão da sexualidade na educação e para o exercício da democracia.

REFERÊNCIAS

- ALTMANN, Helena. Orientação sexual nos Parâmetros Curriculares Nacionais. In: CONBRACE: SOCIEDADE, CIÊNCIA E ÉTICA: DESAFIOS PARA A E. F., 12., 2001, Caxambu. *GTT Escola*. Caxambu, MG. 2001.
- AGUIAR dos Anjos, Luiza. “Vôlei masculino é pra homem”: representações do homossexual e do torcedor a partir de um episódio de homofobia. *Revista Movimento*, v. 21, n. 1, jan./mar. 2015. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/viewFile/43189/33305>>. Acesso em: 21 fev. 2017.
- ANDRADE DOS SANTOS, Aline et al. Trabalhando gênero e sexualidade com alunos do Ensino Médio e EJA noturno: um relato de intervenção. CONBRACE, 2015. *GTT Gênero*. Disponível em: <<http://congressos.cbce.org.br/index.php/conbrace2015/6conice/paper/view/7786>>. Acesso em: 25 mar. 2017.
- ANDRES, Suelen de S.; JEAGER, Angelita A.; GOELLNER, Silvana Vilodre. A percepção de estudantes e supervisoras do programa institucional de bolsa de iniciação à docência (UFSM). *Revista Educ. Fis./UEM*, v. 26, n. 2, p. 167-179, 2 trim. 2015. Disponível em: <<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/23016/15231>>. Acesso em: 15 mar. 2017.

BALESTRIN, P.; DORNELLES, Priscila. Um olhar sobre corpo, gênero e sexualidade num curso normal: o que a educação física tem a ver com isso? In: CONBRACE, 15., e CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 2., 2007, Recife. *GTT Corpo e Cultura*. Recife, 2007.

BOZZA, Rodrigo; MICHELIN, André; LADEWIG, Iverson; CAMPOS, Wagner. Comportamento das capacidades físicas durante a puberdade em meninos participantes de iniciação desportiva. *Rev. Educ. Fis./UEM*, v. 24, n. 4, p. 597-608, 4. trim. 2009. Disponível em: <<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/5263/4429>>. Acesso em: 13 jan. 2017.

BUTLER, Judith. *Gender trouble: feminism and subversion of identity*. Nova York: Routledge, 1990.

_____. *Bodies that matter, on the discursive limits of “sex”*. Nova York: Routledge, 1993.

_____. *Undoing Gender*. Nova York: Routledge, 2004.

CARDOSO, Fernando Luiz et al. Corporeidade e sexualidade em dançarinos de rua: axé e hip hop. *Rev. Bras. Educ. Fis. Esporte*, São Paulo, v. 25, n. 4, p. 663-72, out./dez. 2011. p. 662-672. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbefe/v25n4/v25n4a10.pdf>>. Acesso em: 14 jan. 2017.

CARDOSO, Fernando Luiz et al. Auto-percepção corporal e preferências motoras de praticantes de dança. *Revista Movimento*, v. 16, n. 1, 2010. Disponível em <<http://www.seer.ufrgs.br/Movimento/article/viewFile/9955/751>>. Acesso em: 10 jan. 2017.

CARDOSO, Fernando Luiz; MARINHO, Alcyane Pimentel; ASSIS, Giuliano Gomes de. Questões de gênero em universitários praticantes de esportes de aventura. *Rev. Educ. Fis./UEM*, v. 24, n. 4, p. 597-608, 4. trim. 2013. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/refuem/v24n4/07.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2016.

CARNEIRO AMORIM, Jarlson da Silva, FERNANDES, Bertyza Carvalho Falcão; CAMINHA, Iraquitan de Oliveira. A educação física e os conflitos de gênero: uma possível união durante as aulas. *GTT-Gênero*. CONBRACE, 2015. Disponível em: <<http://congressos.cbce.org.br/index.php/conbrace2015/6conice/paper/view/7103/3652>>. Acesso em: 15 jan. 2017.

CHAVES, Paula Nunes. Estigmas do corpo, gênero e sexualidade no esporte: voleibol enquanto espaço da mulher e da “bicha”. *GTT-Gênero*. CONBRACE, 2015. Disponível em: <<http://congressos.cbce.org.br/index.php/conbrace2015/6conice/paper/view/7245/3654>>. Acesso em: 2 dez. 2016.

COSTA, Maria Regina. Gênero e sexualidade. *GTT-Corpo e Cultura*. CONBRACE, 2013. Disponível em: <<http://congressos.cbce.org.br/index.php/conbrace2013/5conice/paper/view/5546/2915>>. Acesso em: 14 dez. 2016.

DORNELLES, Priscila. A separação de meninos e meninas na educação física escolar: marcas de gênero. *GTT-Corpo e Cultura*. CONBRACE, 2009. Disponível em: <<http://congressos.cbce.org.br/index.php/conbrace2009/XVI/paper/view/349/539>>. Acesso em: 7 dez. 2016.

_____. As práticas pedagógicas da educação física escolar e a normalização do gênero e da sexualidade no interior baiano. *GTT-Escola*. CONBRACE, 2013a. Disponível em: <<http://cbce.tempsite.ws/congressos/index.php/conbrace2013/5conice/paper/view/5390/2738>>. Acesso em: 11 dez. 2016.

_____. *A (hetero)normalização dos corpos em práticas pedagógicas da Educação Física escolar*. 2013b. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, 2013b.

FERRETTI, Marco Antônio de Carvalho et al. O futebol feminino nos Jogos Olímpicos de Pequim. *Motriz: rev. Educ. Fis.*, on-line, vol. 17, n. 1, p. 117-127, mar. 2011. ISSN 1980-6574. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/motriz/v17n1/a13v17n1.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2016.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 1: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

GASPAR, Talita Affonso; SILVESTREIN, Julia Mara Pegoraro. Será que ela é? Mulheres atletas e questões de gênero. *GTT-Corpo e Cultura*. CONBRACE, 2011. Disponível em: <<http://congressos.cbce.org.br/index.php/conbrace2011/2011/paper/view/3434/1425>>. Acesso em: 4 nov. 2016.

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GODOI FILHO, José Roberto de Maio; FARIAS, Edson dos Santos. Aptidão física de escolares do sudoeste da Amazônia Ocidental em diferentes estágios de maturação sexual. *Rev. Bras. Educ. Fís. Esporte*, São Paulo, 29(4):631-39, out./dez. 2015. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/rbefe/v29n4/1807-5509-rbefe-29-4-0631.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2016.

HOFFMANN, Sônia Berenice; CARRAZONI Chagas, Eva Regina. Corpo, sexualidade e deficiência. *Revista Movimento*, v. 3, n. 5, 1996. Disponível em: <seer.ufrgs.br/Movimento/issue/view/146/showToc>. Acesso em: 8 jan. 2017.

JUNQUEIRA, R. D. “Ideologia de gênero”: a gênese de uma categoria política reacionária ou: a promoção dos direitos humanos se tornou uma “ameaça à família natural”? In: RIBEIRO, P. R. C.; MAGALHÃES, J. C. *Debates contemporâneos sobre educação para a sexualidade*. Rio Grande: Ed. da Furg, 2017.

LOCH, M. R.; PORPETA, R. H.; BRUNETTO, B. C. Relação entre a prática de atividade física no lazer dos pais e a dos filhos. *Rev. Bras. Ciênc. Esporte*, 37(1):29-34, 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbce/v37n1/0101-3289-rbce-37-01-0029.pdf>>. Acesso em: 10 fev. 2017.

LOURO, Guacira L. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 1999.

_____. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira L. (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2001. p. 7-34.

_____. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004.

MACEDO, Christiane Garcia; GOELLNER, Silvana V. Gênero e Educação Física: inclusão da temática nos Conbraces. In: CONGRESSO SULBRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 7., 2014, Matinhos. *Anais... Matinhos*, PR, 2014. Disponível em: <<http://congressos.cbce.org.br/index.php/7csbce/2014/paper/viewFile/5907/3239>>. Acesso em: 15 fev. 2017.

MATTOS, Rafael da Silva. Sociologia do corpo é sociologia da Educação Física. *Revista Movimento*, v. 16, n. 4, 2010. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/rbce/v37n1/0101-3289-rbce-37-01-0029.pdf>. Acesso em: 11 dez. 2016.

NICOLINO, Aline da Silva. Corpo, classe social e gênero feminino: (des)naturalizando linguagens e marcas do universo escolar. *GTT-Corpo e Cultura*. CONBRACE, 2009. Disponível em: <<http://congressos.cbce.org.br/index.php/conbrace2009/XVI/paper/view/834/508>>. Acesso em: 11 dez. 2016.

OLIVEIRA, Dayvid Celso Silva; ELEOTERIO, Douglas; MARTINS, Mariana Zuaneti. O voleibol como uma proposta pedagógica para a tematização do gênero e sexualidade na escola. *GTT-Gênero*. CONBRACE, 2015. Disponível em: <<http://cbce.tempsite.ws/congressos/index.php/conbrace2015/6conice/paper/view/7282/3391>>. Acesso em: 10 dez. 2016.

OLIVEIRA, Marcelo Alberto de. As perspectivas de um bolsista do Pibid de Educação Física sobre gênero na escola. *GTT escola*. CONBRACE. Disponível em: <<http://congressos.cbce.org.br/index.php/conbrace2013/5conice/paper/view/4966/2535>>. Acesso em: 5 dez. 2016.

OVERBECK, Muriel de Oliveira; JAEGER, Angelita Alice; VEDOIN VENTURINI, Ivana. Afinal, o que é sexualidade? Entendimentos de estudantes de Educação Física – Licenciatura. *GTT-Gênero*. CONBRACE, 2015. Disponível em: <<http://congressos.cbce.org.br/index.php/conbrace2015/6conice/paper/view/6989>>. Acesso em: 20 fev. 2017.

PIEDRA, Joaquín. Gays e lésbicas no esporte: o discurso de jovens universitários espanhóis acerca da sua aceitação. *Revista Movimento*, v. 21, n. 4, out./dez. 2015.

PRECIADO, Paul Beatriz. *Texto Yonqui*. Madrid: Espasa Calpe, 2008.
_____. *Manifesto contrassexual*. Tradução Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, 2014.

RESENDE, Wanderley Moisés Sipriano de; SANTOS, Rosirene Campêlo dos; OLIVEIRA, Valleria Araújo de. Formação continuada com educadoras/es: perspectivas e possibilidades de (des)construir diálogos sobre corpo, gênero e sexualidade em escolas públicas de Goiânia/GO. *GTT-2. Formação profissional e mundo do trabalho*. CONBRACE. Disponível em: <<http://congressos.cbce.org.br/index.php/conbrace2011/2011/paper/view/3127/1651>>. Acesso em: 11 dez. 2016.

RODRIGUES, M. de Castro; LIMA, Leopoldo Henriques Rezende; DUARTE, Rodrigues E. Aptidão física de jovens atletas do sexo masculino em relação à idade cronológica e estágio de maturação sexual. *Rev. Bras. Educ. Fís. Esp.*, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 139-148, abr./jun. 2008. Disponível em: <www.revistas.usp.br/rbefe/article/viewFile/16689/18402>. Acesso em: 18 jan. 2017.

_____. Jogos recreativos para a terceira idade: uma análise a partir da percepção dos idosos. *Rev. Bras. Ciênc. Esporte*, 2015; 38(3):283-289. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbce/v38n3/0101-3289-rbce-38-03-0283.pdf>>. Acesso em: 8 dez. 2016.

SANCHO, Juana M. et al. Masculinidade hegemônica, esportes e atividade física. *Revista Movimento*, v. 16, n. 4, 2010. Disponível em: <www.seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/15031>. Acesso em: 5 jan. 2017.

SILVA, Fernanda Azevedo Gomes da; IMBIRIBA, Luis Aureliano; SILVA, Sílvia Maria Agatti Lüdorf. A Educação Física no Ensino Médio: um olhar sobre o corpo. *Revista Movimento*, v. 21, n. 3, jul./set. 2015. Disponível em: <www.seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/53026>. Acesso em: 28 nov. 2016.

SILVA, Rogério Goulart da; COSTA, Maria Regina Ferreira da; KROPE-NISCKI, Fernanda Battagli. Gênero e sexualidade: desconstruindo preconceitos. *GTT-Corpo e Cultura*. CONBRACE. 2013. Disponível em: <<http://congressos.cbce.org.br/index.php/conbrace2013/5conice/paper/view/5606/2891>>. Acesso em: 7 jan. 2017.

SILVEIRA, Raquel; STIGGER, Marco Paulo. Estudo etnográfico no futsal feminino: discutindo esporte e homossexualidade. *GTT-Corpo e Cultura*. CONBRACE, 2009. Disponível em: <<http://congressos.cbce.org.br/index.php/conbrace2009/XVI/paper/view/627/533>>. Acesso em: 24 fev. 2017.

SILVEIRA, Viviane T. Corpo feminino no esporte: entre heterossexualidade compulsória e lesfobia. *Simpósio (des)fazendo gênero nas pedagogias escolares, esportivas e de lazer: diálogos com os estudos queer*. Salvador, Ba, 2015. Disponível em: <<http://congressos.cbce.org.br/index.php/conbrace2013/5conice/paper/view/5433>>. Acesso em: 20 abr. 2017.

TORREBADELLA-FLIX, Xavier; VICENTE-PEDRAZ, Miguel. A ginástica como dispositivo antionanista na conformação da Educação Física escolar do século XIX na Espanha: o nascimento de uma disciplina escolar. *Revista Movimento*, v. 22, n. 1, jan./mar. 2016. Disponível em: <www.seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/53988>. Acesso em: 8 nov. 2016.

VITOR, Fabricio de Mello et al. Aptidão física de jovens atletas de sexo masculino em relação à idade cronológica e estagio de maturação sexual. *Revista Brasileira de Educação Física Esp.*, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 139-148, abr./jun. 2008.

WENETZ, Ileana; STIGGER, M. P. *Gênero e recreio: um espaço educativo?* In: CONBRACE, 15., 2007, Recife. *GTT-Corpo e Cultura*. Recife, 2007.

WENETZ, Ileana; DORNELLES, Priscila. Sexualidade e Educação Física escolar: articulações (im)possíveis? *GTT-Escola*. CONBRACE, 2011. Disponível em: <<http://congressos.cbce.org.br/index.php/conbrace2011/2011/paper/view/3385/1509>>. Acesso em: 13 jan. 2017.

WENETZ, Ileana. As brincadeiras no pátio escolar: a geografia de gênero. *GTT-Lazer e Sociedade*. CONBRACE, 2013. Disponível em: <<http://congressos.cbce.org.br/index.php/conbrace2013/5conice/paper/view/5318/2845>>. Acesso em: 9 dez. 2016.